

# Diferentes Olhares e Ações para a Educação Ambiental:

## Um Exercício de Cidadania num Projeto de Extensão

Andréa Aquino de Andrade Veiga<sup>1</sup>

Flávia Cristina Araújo Lucas<sup>2</sup>

Andreza Stephanie de Souza Pereira<sup>3</sup>

Kamila Satie Shimomaebara Sato<sup>4</sup>

Carolina Mesquita Germano<sup>5</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo apresentar o exercício de reflexão e autorreflexão diante das ações desenvolvidas no projeto de extensão “Educação Ambiental em Ação: práticas pedagógicas, cidadania e lazer para crianças da Comunidade da Vila da Barca, Belém-PA”, ao longo de três anos, pelos seus participantes. Os dados foram obtidos por depoimentos orais da equipe de trabalho, dos seus relatórios individuais e a partir da observação participativa nas reuniões de estudo. Os resultados dessa imersão no projeto evidenciam que as práticas embasadas nas propostas de pesquisa-ação conseguiram sensibilizar as crianças sobre problemas socioambientais, e, principalmente, para a valorização dos espaços coletivos. Foi sinalizada e discutida pelo grupo a importância de firmar novas parcerias que venham contribuir com este trabalho educativo..

**Palavras-chave:** cidadania; educação ambiental; pesquisa-ação; Vila da Barca, Belém/PA.

### INTRODUÇÃO

Como todos sabem, o mundo vive problemas ambientais sérios: aquecimento global, aumento do lixo, condições de vida precária, ocupações indevidas, desmatamento de extensas áreas verdes, extinção de espécies, destruição da camada de ozônio, dentre outros. Contudo, estes problemas também perpassam pela “inofensiva” ação destruidora de cada cidadão. Ao homem ainda falta se ver como um elo interligado à natureza, ao mundo, à vida.

Pertencer ao planeta pode ser entendido como uma redescoberta da própria gênese, homem intrinsecamente ligado à natureza. Esse pensamento foi desfeito pela ideologia cartesiana na qual o homem viveu e ainda vive.

“Desde os primeiros anos de escola, quando é solicitado a desenvolver predominantemente o raciocínio lógico e linear, avançando mais tarde para um saber especializado e cada vez mais distante de outros saberes, sejam os da ciência ou saber do cotidiano, construído no dia-a-dia da população; passando pela visão fragmentada da realidade nos meios de comunicação social e práticas de trabalho igualmente departamentalizadas e divididas, o cidadão é levado a uma visão parcial sobre os problemas ambientais,

1 Participação e organização da Formação Continuada e Formação em serviço para os profissionais de Educação infantil da Rede Municipal de Educação.

2 Professora Adjunta do Departamento de Ciências Naturais da Universidade do Estado do Pará (UFPA).

3 Bolsista PIBIC/CNPq da Universidade do Estado do Pará (UFPA).

4 Aluna do Curso de Ciências Naturais-Biologia da Universidade do Estado do Pará (UFPA).

5 Graduada no Curso de Ciências Naturais-Química da Universidade do Estado do Pará (UFPA).

que não o auxilia na busca de alternativas realmente eficazes, uma vez que a sociedade pede soluções mais abrangentes.” (ALVES, 1995, p.11)

Pensar de maneira interligada não é tarefa fácil e pode levar muito tempo. Este desafio vem sendo conquistado desde o final do século XX, quando a Educação Ambiental (EA) ganhou espaço através de conferências intergovernamentais, mundiais e movimentos ambientalistas que mobilizaram o setor público e privado, e a sociedade civil na elaboração de estratégias, planos de ação, metas, agendas, com base nos princípios da sustentabilidade. (VITAE CIVILIS, 2011).

A troca de saberes e as constantes reflexões sobre a relação homem/meio ambiente são ações fundamentais quando se visa educar para melhorar a qualidade de vida de todos os seres do planeta. Pelo fato do homem não viver sozinho neste mundo que é composto por vidas diversas e inter-relacionadas, torna-se necessário abranger os mais variados grupos de uma sociedade. Quando isto acontece, as consequências podem ser favoráveis a uma vida mais saudável. Para Carvalho (2008) a natureza e os humanos, bem como a sociedade e o ambiente, estabelecem mútua interação e co-pertença, formando um único mundo.

No processo de formação e orientação para o desenvolvimento de uma consciência crítica acerca dos problemas ambientais, a educação é apontada por Aires e Bastos (2011, p. 52) como pilar central das estratégias que promovem a valorização de comportamentos sociais harmônicos com a natureza. Ressalta-se uma prática pedagógica que seja facilitadora do diálogo entre os partícipes, e que compreenda as significações do coletivo.

Ao incorporar as dificuldades socioambientais de uma comunidade, como é o exemplo da Vila da Barca, ou de uma região, de uma nação ou do mundo, a EA inevitavelmente deve interagir com os grupos sociais envolvidos. Crianças adolescentes, seus familiares, a comunidade, a escola, a universidade e o poder do Estado, como um representante maior, todos estão juntos na mesma dimensão socioeconômica, política, cultural e histórica.

Ao vislumbrar caminhos interdisciplinares em EA com o projeto de extensão “Educação Ambiental em Ação: práticas pedagógicas, cidadania e lazer para crianças da Comunidade da Vila da Barca, Belém-Pará”, espera-se interagir e compartilhar os diferentes saberes dentro e fora da Universidade do Estado do Pará. Portanto, a fim de recordar e relatar os esforços de todo grupo de trabalho no referido projeto ao longo de três anos, a presente pesquisa teve como objetivo avaliar o desempenho dos participantes e das ações desenvolvidas, bem como, as dificuldades em conciliar teoria e prática além dos muros da academia.

## **O PROCESSO METODOLÓGICO E O ENVOLVIMENTO COM A COMUNIDADE: DESAFIOS**

Com relação às metodologias aplicadas, fundamentação teórica e posicionamento crítico, os anos de 2009 a 2011 foram extremamente enriquecedores nas discussões dos professores, graduandos e das crianças participantes do projeto “Educação Ambiental em Ação: prática pedagógica, cidadania e lazer para crianças da Comunidade da Vila da Barca, Belém-Pará”.

A metodologia utilizada nesta pesquisa envolveu pesquisa-ação (JORDÃO, 2008, p. 2). Segundo esta autora a pesquisa-ação promove o encontro pesquisador-sociedade, estimula a reflexão e amplia as ações de conscientização de todos os envolvidos, colaborando também com o avanço científico. Esta metodologia coloca lado a lado os problemas reais, práticos e as possíveis soluções. É o momento de viver o que parece claro e funcional das teorias, permitindo que o pesquisador tenha sua própria avaliação daquilo que um teórico diz ou acredita.

Para avaliar as capacidades individuais dos graduandos e professores foram analisados seus relatórios textuais e a participação de cada um no processo de construção coletiva. Levaram-se em consideração os saberes e as experiências compartilhadas por todos nas reuniões de estudo. As ações executadas foram também interpretadas a partir da percepção das crianças nas suas representações. Foram coletados dados dos registros fotográficos, dos seus desenhos, falas espontâneas e depoimentos com perguntas direcionadas.

Observações de documentos obtidos na secretaria de urbanização do estado do Pará, a respeito da comunidade, bem como a pesquisa nos trabalhos já desenvolvidos e a vivência com os alunos e os moradores da Vila da Barca, auxiliaram nos planejamentos e interpretação dos temas geradores selecionados para as atividades.

Conhecer a Vila da Barca e compreender o que acontece neste local foi uma condição para a participação neste projeto. Apesar da localização da Universidade ser bem próxima a esta comunidade, a maioria não a conhecia. Segundo Souza (2006: p. 05) na Vila da Barca, o crescimento populacional humano desordenado, sem planejamento familiar, carregou consigo uma série de implicações culturais, sociais e ambientais.

As visitas realizadas na Vila da Barca pelo projeto de Educação Ambiental em Ação na Vila da Barca evidenciaram realidades muito aquém das expectativas mínimas de desenvolvimento humano. A situação de pobreza está registrada nos mais diversos âmbitos, a começar pelas moradias, as chamadas palafitas. As residências de tijolos ainda são raras, e se encontram apenas nas áreas de terreno mais seco. A circulação interna nas áreas de baixadas é feita principalmente por estivas de madeira.

Dados da Secretaria Municipal de Habitação (Prefeitura Municipal de Belém, 2004) estimaram que a maioria dos moradores possui baixo poder aquisitivo, sendo sua renda mensal proveniente de atividades do mercado informal de trabalho. Há poucos trabalhadores com vínculo empregatício. A falta de assistência por parte do poder público e o descaso da sociedade civil junto à comunidade, fez nascer um grupo populacional em que impera a violência, o descuido com o meio ambiente e a insatisfação quanto à qualidade de vida. É um espaço em que os comportamentos humanos não estão em harmonia com a natureza, os direitos coletivos não são respeitados e as ações mobilizadoras em educação ambiental são escassas (LUCAS et al., 2010)

O primeiro encontro entre professores e graduandos com o público alvo ocorreu no ato da inscrição no projeto. A chegada do grupo de trabalho à comunidade foi sinalizada com a apresentação do projeto, o encontro com a família, à visita a moradia e, posteriormente, o preenchimento das fichas de inscrição. Foram inscritas 30 crianças.

Após o contato inicial com os moradores, o primeiro desafio do grupo foi promover a integração das diferentes formações acadêmicas para a discussão dos temas geradores. A equipe de trabalho, constituída por dois professores com as titulações em mestre em Educação e doutora em Ciências Biológicas, e com alunos graduandos nas áreas de Licenciatura em Ciências Naturais - Habilitação em Química (4), Habilitação em Biologia (5) e Pedagogia (2), se reunia quinzenalmente para troca de experiências, pesquisa bibliográfica, redação de textos e artigos e planejamento das ações futuras a serem desenvolvidas no projeto.

Os ambientes em que as ações aconteceram foram propositadamente diversificados e incluíam as salas de aula e laboratórios da universidade, as áreas abertas da comunidade, a residência de alguns alunos, e, em outros locais, como museus, jardim botânico, praças e igrejas.

O segundo desafio foi trabalhar temas em EA nos ambientes não formais. A equipe buscou na prática de campo e na pesquisa bibliográfica a argumentação necessária para apresentar outros locais da cidade de Belém, considerados patrimônio biológico, histórico e cultural.

O terceiro desafio se revelou após a realização das ações. Exercícios de avaliação e autoavaliação concentraram-se na busca por novas estratégias metodológicas que mitigassem os “erros” cometidos. Aqui se entende o erro como um processo de construção e reconstrução do conhecimento. O momento era propício para falar, chorar, rir e se encantar.

Percorrendo caminhos tortuosos ou plenamente transitáveis, vitórias e derrotas somaram-se em meio a esses três grandes desafios. A equipe, continuamente, pontuou fatos e acontecimentos visando à reflexão por uma prática que minimizasse o automatismo e possibilitasse a todos (não só as crianças) se perceberem como pertencentes e responsáveis pelos problemas e dificuldades da comunidade e do mundo.

## **AS AÇÕES, AS CRIANÇAS E A EQUIPE NO CONTEXTO DA VILA DA BARCA**

Dentre todos os temas propostos, no decorrer dos três anos, “Um retrato da minha comunidade”, “A Tenda da Leitura” e “Um tour pela cidade de Belém”, foram selecionados para a presente pesquisa em virtude de proporcionarem desdobramentos posteriores e questionamentos.

Essas ações nasceram da percepção do grupo quanto às opiniões exteriorizadas pelas crianças em seus relatos orais, textuais e artísticos, acerca dos conhecimentos e pertencimentos de cada um. “Como eu me sinto na minha comunidade e como eu a observo? O quanto uma atividade de leitura será importante para o meu aprendizado? Eu me sinto pertencente à história da minha cidade? Eu conheço os espaços culturais de Belém?”

### **Um retrato da minha comunidade**

Essa atividade teve como objetivo estimular nas crianças um olhar especial e o despertar de sensações para o ambiente em que vivem. A ação iniciou com a apresentação de imagens da comunidade da Vila da Barca. As fotos foram extraídas de sites de compartilhamento de imagens da internet. Como tarefa, as crianças deveriam observar atentamente as imagens, tecer seus comentários e tentar identificar o local. Foram exibidas ruas com muito lixo, crianças brincando nas palafitas, e a baía do Guajará, como espaço de lazer e depósito de todos os tipos de sujeira.

Para o fortalecimento da temática foi feita uma intervenção imediata, pautada no seguinte questionamento: Qual a visão das crianças a respeito da sua comunidade? Foram apresentados três cartazes, cada um com os títulos “O que eu gosto na minha comunidade? O que eu não gosto? O que eu gostaria que tivesse?” As crianças deveriam selecionar figuras de revistas e jornais e colá-las em cada cartaz para responder as perguntas indicadas.

Em um momento distinto, a equipe se mobilizou para o trabalho prático que incluía a visita a Vila da Barca. Com o apoio dos moradores locais, que cederam suas casas, foi realizada a segunda intervenção. As crianças receberam máquinas fotográficas e tinham como dever passear pelas ruas e pontes da comunidade e registrar duas imagens: “o que eu mais gosto e o que eu menos gosto na Vila”.

### **A Tenda da Leitura**

Uma lona plástica, sustentada por armações de alumínio, e enfeitada com balões e fitas coloridas, foi denominada de “Tenda da Leitura”. Neste pequeno espaço, montado em uma sala de aula, ou ao ar livre, historinhas diversas foram contadas e experiências compartilhadas.

O trabalho com a leitura surgiu como uma ferramenta que possibilitaria conhecimento, relaxamento e tranquilidade para os alunos, uma vez que impera a agitação, a disputa, o

imediatismo e o conflito com questões pessoais.

“O Mundinho”, “Vamos abraçar o mundinho”, “Belém, cidade das mangueiras”, “A seringueira” (Coleção Meu pé de quê?) foram as obras lidas pelos graduandos na tenda. Com esses temas foram discutidos aspectos do cotidiano, relações com o ambiente natural e as plantas, e um pouco da cultura da cidade de Belém.

### **Um Tour pela cidade de Belém: conhecendo o patrimônio que é de todos**

O Tour por Belém foi planejado após a leitura da obra “Belém, Cidade das Mangueiras”, na tenda da leitura. Para surpresa geral, muitos dos pontos turísticos citados eram desconhecidos não apenas das crianças, mas do grupo de trabalho.

Conhecer a sua terra é conhecer a sua história e a sua vida. Partindo dessa reflexão, a presente ação procurou apresentar a cidade de Belém, da qual todos faziam parte. Nas discussões de planejamento, suscitaram questões relacionadas à origem e nacionalidade, pertencimentos e cidadania. Uma pergunta foi direcionada para este estudo: “Eu conheço a cidade das mangueiras, com seus largos, coretos e praças, que se constituem como patrimônio cultural?”.

Com as 30 crianças do projeto, foram realizadas visitas em quatro momentos distintos. No primeiro, ida ao Parque Zoológico do Museu Paraense Emílio Goeldi. No segundo, visita ao Jardim Botânico Bosque Rodrigues Alves. No terceiro, visita conjunta ao complexo cultural Estação das Docas do Pará, Feira Livre Ver-o-Peso e Casa de Plácido. No quarto, visita ao Museu de Artes da Casa das 11 Janelas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Um retrato da minha comunidade**

As imagens projetadas da comunidade não foram imediatamente identificadas pelas crianças. Os olhares atentos e ao mesmo tempo ausentes revelaram falas surpreendentes. As raras opiniões evidenciaram negação ao lugar em que moravam: “*Não! Essa não é a Vila da Barca! Nós não moramos aí, Tia!*”. Não houve manifestação mais contundente, que afirmasse que aquele lugar era a própria casa. As causas desses comportamentos incomodaram o grupo de trabalho.

Aida a Vila também gerou inquietação. As crianças estavam reticentes e questionavam “*Tia, por que na Vila da Barca?*”; “*O que tem de mais bonito aí é o Curro Velho*”, referindo-se a uma fundação que promove a inclusão social no estado do Pará e está situada ao lado da comunidade. Novamente, o descontentamento com a casa, o espaço e o entorno foram marcantes nas falas: “*Tia, por que a gente não ficou na universidade?*”

Dos registros fotográficos obtidos a “prainha”, que fica as margens da Baía do Guajará, foi o local mais fotografado, e apreciado por todos como um espaço bonito e agradável da comunidade. O campo de futebol também recebeu a atenção das crianças como o ponto de encontro dos moradores. O lixo, tão presente no cotidiano da Vila, apareceu como a foto que não está “certa”, aos olhos dos fotógrafos mirins (Figura 1).

Essas respostas iniciais repercutiram na dinâmica da atividade. Por que levar as crianças para fotografar algo que elas não gostam? Reflexões posteriores foram direcionadas ao planejamento do trabalho, que frequentemente excluía a comunidade. A Vila não era considerada pelos professores e alunos como um lugar de estudo e interação. Outros espaços, considerados “melhores”, “mais limpos”, “mais adequados”, e com “ar condicionado”, prevaleciam em detrimento da Vila da Barca. Nas falas dos graduandos a comunidade era a última opção para se trabalhar. “*Vamos ficar na UEPA*”. “*Só iremos à Vila, se não conseguirmos sala*” (Graduanda em Ciências Naturais - Biologia).



Figura 1: A- A prainha, escolhida como o local mais bonito da comunidade; B- O campo de futebol, como lugar de lazer e encontro.

Lucas et al. (2010) discutiu que para conhecer um pouco do dia-a-dia dessas crianças e adolescente, é preciso entender as diferenças culturais existentes na Vila. Assim, a equipe buscou um maior estreitamento da relação projeto-comunidade. A persistência em ajustar a proposta inicial gerou momentos enriquecedores, como a mudanças de postura com relação ao trabalho que é realizado nas comunidades que vivem na periferia da cidade.

Reservar um momento para perceber o ambiente foi fundamental para a concretização desta ação. A partir do contato com os moradores e das caminhadas em grupo, foram sendo construídos novos conceitos em EA. Para Azevedo (2008) os resultados obtidos na percepção ambiental formam as representações sociais dos sujeitos estudados. Reigota (2007) interpretou as representações sociais como um conjunto de princípios construídos de modo interativo e que são compartilhados por variados grupos sociais, e que, através delas, compreendem e transformam sua realidade.

A educação ambiental quando respeita o percurso histórico e cultural do sujeito e do local em que vive, abre mais caminhos para a transformação e sai da repetição de atividades vazias e fantasiosas, despertando nos atuantes e participantes do projeto, propostas cada vez mais pertinentes, viáveis, pontuais e funcionais (LUCAS et al., 2010).

Fotografar a Vila significou utilizar outra ferramenta para a metodologia do trabalho. A fotografia tirada pelas crianças registrou a compreensão particular dos mesmos, num tipo de linguagem não verbal, e envolveu todos os participantes – crianças e adultos. Borges (2010, p. 150) discutiu a fotografia como um instrumento de grande importância pedagógica, e muitas vezes essencial, para diversas áreas de ensino. A fotografia também deu voz às crianças que tinham dificuldades em se expressar e formar uma opinião crítica.

O lixo, que é parte integrante da paisagem foi várias vezes citado e fotografado. Tais manifestações espontâneas geraram reflexões positivas a respeito de todos os assuntos até o momento discutidos com a temática Lixo. Para essas crianças e adolescentes o lixo não é algo normal e não estava tão esquecido como se pensava. As marcas da degradação ambiental foram amplamente discutidas por todos: *“Mostrar-se sensibilizado ao lixo, que é tão comum e faz parte da paisagem, é ter a certeza que o projeto está seguindo o caminho certo”* (Graduanda em Ciências Naturais – Química).

### A tenda da leitura

*“Ver a tenda armada e enfeitada numa sala de aula, com tapetes coloridos estendidos e convidativos para um relaxamento, foi no mínimo empolgante”* (Graduanda de Pedagogia) (Figura 2). Todas as etapas, desde os preparativos na sala, até a execução da leitura foram considerados especiais. O uso de uma metodologia simples, de fácil entendimento e rica em conhecimentos, foi almejada por todos. *“Nos favoreceria como educadores presenciar as crianças concentradas em histórias e inebriadas pelo entusiasmo do contador”* (Professora do Curso de Ciências Naturais – Biologia).



Figura 2: A- A Tenda da Leitura montada numa sala de aula da universidade; B-Leitura das obras para as crianças.

A leitura de obras com temas diversos mostrou ao grupo o quanto são inúmeras as possibilidades de trabalho após a leitura de um livro. Com as leituras do “O MUNDINHO” “Vamos abraçar o mundinho” e “Maneco e o boneco de sucata”, surgiram discussões e intervenções sobre poluição ambiental, coleta de lixo, reciclagem e cuidados com o planeta. Com a obra “A Seringueira”, os graduandos de Biologia propuseram estudos de morfologia vegetal, com desenhos sobre as partes constituintes das plantas. “Ouvir as crianças pronunciarem o nome científico da seringueira e reconhecerem o fruto do tipo tricoca, foi gratificante!”, “Vê-los atentos com a história de uma planta tão importante da nossa floresta foi vitorioso para o grupo e nos sensibilizou quanto à importância de repensar e discutir a metodologia de cada ação” (Graduandas em Ciências Naturais - Biologia).

“Era perceptível o encantamento dos alunos ao entrarem pela primeira vez na sala de aula e se depararem com a tenda” (Graduanda do Curso de Pedagogia). Essa atmosfera diferenciada surtiu efeitos extremamente positivos na produtividade das ações coletivas. O grupo de trabalho se harmonizava a cada encontro literário.

“Belém, a cidade das mangueiras”, foi contada com todos os adereços necessários que estimulassem o reconhecimento dos bens culturais, materiais e imateriais da cultura amazônica. Música paraense, frutos regionais como o açaí, a cueira, a manga e a castanha-do-pará, juntamente com o cheirinho do patchouli, finalizaram o cenário. O texto da referida obra destacava lugares e monumentos que as crianças desconheciam. Aos poucos, foi perceptível que poucos conheciam a cidade em moravam, e que raramente, ou quase nunca, saíam da Vila para visitar praças, igrejas, museus, teatros, dentre outros.

O momento foi apropriado para a integração de diferentes áreas do conhecimento no projeto de Educação Ambiental. Graduandos e professores ampliaram seu aprendizado a fim de aperfeiçoar o recurso metodológico na tenda da leitura. A leitura de “Belém, a cidade das mangueiras” por uma aluna do curso de Pedagogia foi auxiliada por outra de Biologia, que se revezavam nos diversos tópicos apresentados.

Relacionar a informação teórica com a prática, tendo como alicerce outras áreas do conhecimento, para uma mesma ação, foi inovador para a formação dos graduandos no sentido da busca por uma visão global diante da análise da relação homem- ambiente. “Com esse jeito mais completo de trabalhar, tivemos a sensação de que todas as ideias convergiram em busca dos melhores resultados” (Graduanda do Curso de Pedagogia). “Hoje, primeiramente contamos historinhas, ilustramos o tema e depois aplicamos a atividade”. (Graduanda em Ciências Naturais - Biologia).

### **Tour pela cidade de Belém: conhecendo um patrimônio de todos**

Realizar uma ação que envolvia percepção cultural e conhecimentos multidisciplinares, não foi tarefa de fácil para um público que desconhecia as significações da cultura, tanto

de quem a faz, quanto de quem está usufruindo dela. A equipe direcionou esforços a fim de proporcionar a descoberta de identificações, numa proposta educativa, que instigasse os seus participantes. Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi, Jardim Botânico Bosque Rodrigues Alves, Estação das Docas do Pará, Feira Livre Ver-o-Peso, Casa de Plácido e Museu de Artes da Casa das 11 Janelas (Figura 03).



Figura 3: A- Visita ao Museu de Artes da Casa das 11 Janelas; B-Visita ao parque zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi.

A princípio, os graduandos questionavam: “Será que essas crianças, tão dispersas, vão se interessar pela história de Belém?”; “Como o trabalho será realizado num espaço aberto e sem recursos?”.

A ida ao Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi e depois ao Jardim Botânico Bosque Rodrigues Alves, gerou pesquisas acerca dos temas conservação ex situ e sustentabilidade. Roteiros e materiais didáticos foram preparados para a aula prática no campo. “Essa atividade me forçou, positivamente a pesquisar assuntos que não eram familiares” (Graduanda do Curso de Ciências Naturais - Química).

Em outros momentos, foram feitas visitas à Estação das Docas do Pará, Feira Livre Ver-o-Peso e Casa de Plácido. A manhã no Museu de Artes da Casa das 11 Janelas foi significativa para o reconhecimento de obras de arte de pintores paraenses.

Em cada lugar, um tempo era destinado às curiosidades, perguntas e apreciação das obras e monumentos arquitetônicos. Por desconhecerem os assuntos que eram abordados, a falta de interesse e desconcentração das crianças perturbaram a dinâmica da equipe. Não havia compromisso com aprendizagem e tão pouco com as orientações inicialmente transmitidas. “Poucas crianças manifestavam o desejo de aprender e logo se dispersavam” (Graduanda em Ciências Naturais - Química).

Nos espaços abertos, comportamentos diversos afloraram causando desconforto nos professores e graduandos. A realidade causou frustração a alguns graduandos. “Professora, não me chame mais para as tarefas fora da universidade” (Graduanda em Ciências Naturais - Química).

A inexperiência e a visão equivocada do grupo não permitiram o real entendimento do processo: o exercício da cidadania e a responsabilidade perante o patrimônio cultural não poderiam ser dimensionados, ou mesmo tensionados, em poucos momentos com as crianças. Faltou delimitar com mais clareza as linhas de possibilidades com esses sujeitos. Em desabafo, professores e graduandos reconheceram a falha metodológica em unir 30 crianças nas visitas aos centros de educação patrimonial. Também, faltou a preparação dos mesmos quanto aos assuntos que seriam abordados nesses lugares.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do conhecimento com todas as ações aqui discutidas ocorreu a partir da interação entre todos os participantes: crianças, comunidade, graduandos e professores, respectivamente. A equipe buscou um entendimento mais aprofundado dessas crianças e da comunidade, para então, estruturar suas ações. Desse modo, os planejamentos elaborados ao longo desses três anos amadureceram, e partiram para o conhecimento da identidade e das concepções dos sujeitos envolvidos.

O trabalho neste projeto de extensão convive com situações paralelas que põe em risco constante a qualidade de vida das crianças e do grupo de trabalho. Por esse motivo, a educação ambiental aqui proposta ratifica nas mentes dos seus colaboradores as bases preconizadas no ProNEA (Programa Nacional de Educação Ambiental) (BRASIL, 2005, p. 37), que busca uma educação política, emancipatória e transformadora.

Os anos já percorridos mostraram que apesar da educação ambiental ser um tema já inserido na sociedade, há necessidade de articular ações mais respaldadas com diferentes parcerias na tentativa de tecer uma rede de contato que sustente o desejo de oferecer e conquistar melhor qualidade de vida para todos. Apesar da Vila da Barca ser considerada um espaço prioritário para pesquisas na universidade, são raros os projetos que contemplam a comunidade. As intervenções do estado são ainda muito tímidas perante o amplo espectro de necessidades, e não cabe apenas a um projeto de extensão a responsabilidade maior em educar ambientalmente.

Os relatos da presente equipe indicaram que as atividades práticas conseguiram sensibilizar os alunos quanto aos temas propostos. As crianças da Vila da Barca mostraram a todos os participantes que elas estão envolvidas pela cultura da comunidade em que vivem, mas não estão passivas! Estão atentas a maneira como as pessoas interagem com o meio ambiente reproduzindo certos comportamentos e produzindo a sua maneira de viver neste espaço, formulando opiniões, hipóteses, questionamentos. Anseiam pelo novo e pela oportunidade de interação com a sociedade.

Professoras e graduandos puderam rever suas concepções em EA na comunidade da Vila da Barca. Os diversos problemas enfrentados, como a visão restrita e compartimentada da EA, o preconceito com a periferia da cidade e a dificuldade de planejamento, foram os pontos de reflexão na busca pelo aperfeiçoamento da compreensão das metodologias aplicadas no projeto.

## REFERÊNCIAS

AIRES, B. F. C.; BASTOS, R. P. Representações sobre meio ambiente de alunos da educação básica de Palmas (TO). **Revista Brasileira de Educação Ambiental**. v. 17, n. 2, p. 353 – 364, 2011.

ALVES, Denise. **Sensopercepção em educação ambiental**. Brasília-DF: Inep, 1995. (Série Documental, n. 7).

AZEVEDO, G. C. Uso de jornais e revistas na perspectiva da representação social de meio ambiente em sala de aula. In: REIGOTA, M. (Org.). **Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008. p. 59-71.

BORGES, M.; ARANHA, J. M.; SABINO, J. A Fotografia de natureza como instrumento para a educação ambiental. **Ciência e Educação**. Bombinhas – SC, v. 16, n. 1, p. 149 – 161, 2010.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente/Ministério da Educação. Programa Nacional de Educação Ambiental - ProNEA. 3. ed. Brasília-DF: 2005.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

JORDÃO, R. dos S. **A pesquisa-ação na formação inicial de professores**: elementos para a reflexão. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt08/t0816.pdf> >. Acesso em: 26 nov. 2011.

LUCAS, F. C. A.; COSTA, D. G. da.; GERMANO, C. M.; VEIGA, A. A. de A. Ações em Educação Ambiental para crianças e adolescentes da Vila da Barca em Belém/PA: uma proposta de conscientização. **Educação Ambiental em Ação**, n. 34, ano 9, dez. 2010, fev. 2011. Disponível em: < <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=940&class=21> >. Acesso em: 13 dez. 2011.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, S. S. **Os Caminhos da urbanização da Vila da Barca**: passado, presente e perspectivas futuras. 2006. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Centro Sócio Econômico, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

VITAE CIVILIS. **Agenda 21**. 2011. Disponível em: < [http://vitaecivilis.org/home/index.php?option=com\\_zoo&task=item&item\\_id=161&Itemid=147](http://vitaecivilis.org/home/index.php?option=com_zoo&task=item&item_id=161&Itemid=147) >. Acesso em: 8 dez. 2011.